

# “Palavras” e “Não-Palavras” na Jargonafasia

Cinthia Ishara<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Campinas (Unicamp – PG)/ CNPq  
cinthia47@ig.com.br

**Resumo.** *Este trabalho parte de alguns impasses reconhecidos na literatura na classificação de parafasia, neologismo e jargão. Considera-se que os critérios utilizados para estas classificações encobrem características do funcionamento da linguagem dos sujeitos. Os “desarranjos” e “rearranjos” que aparecem nas produções são interpretados dentro de uma perspectiva enunciativo-discursiva que pode identificar aspectos da interação entre os níveis lingüísticos envolvidos, expondo relações entre fragmentos enunciativo-discursivos.*

**Palavras-chave.** *Parafasia; jargonafasia; afasia; neologismo; jargão.*

**Abstract.** *This study initially identifies some controversies recognized in literature on classification of paraphasia, neologism and jargon. We consider that this classification hides language work characteristics. “Disarrangements” and “rearrangements” in these productions are interpreted in an enunciative-discursive perspective which allows the understanding of aspects of interaction between language levels involved, showing relations between enunciative-discursive fragments.*

**Keywords.** *Paraphasia; jargonaphasia; aphasia; neologism; jargon.*

Este trabalho se insere no Projeto Integrado em Neurolingüística: Avaliação e Banco de Dados (CNPq-521773/95-4) e apresenta numa perspectiva enunciativo-discursiva alguns aspectos fonológicos e morfológicos envolvidos em produções orais de um sujeito afásico (JM), na tentativa de dar visibilidade aos modos de arranjo dos fragmentos enunciativo-discursivos que constituem essas produções.

Como já foi apontado por COUDRY & POSSENTI, 1983; COUDRY, 1986/88; COUDRY & SCARPA, 1991, tem prevalecido na avaliação de linguagem em contexto patológico, um tipo de utilização da Lingüística que tem contribuído para cristalizar diagnósticos, fornecendo evidências de patologia.

Este trabalho, por sua vez, parte de uma visão que considera que no funcionamento da linguagem em contexto patológico podem reconhecer-se modos de arranjo e estruturação próprios da linguagem (JAKOBSON, 1954/75), e que os movimentos do processo enunciativo-discursivo são constitutivos desse funcionamento (DE LEMOS, 1982, 1995; COUDRY, 1986).

JM teve um AVCi que atingiu a área posterior do cérebro (lobos temporal e parietal esquerdos). As dificuldades lingüístico-cognitivas que JM apresenta podem ser relacionadas com a chamada jargonafasia<sup>1</sup>, uma das características principais da afasia de Wernicke, de acordo com a literatura clássica da área.

O acompanhamento longitudinal de JM foi conduzido por Coudry (Imc) de maio de 2001 a setembro de 2002, com base em uma abordagem discursiva da afasia que vem sendo desenvolvida no Departamento de Lingüística da Unicamp desde 1982. Nos dados de JM analisados ocorrem produções que não são reconhecidas como palavras da língua pelos demais falantes, e que têm sido descritas pela literatura como *jargão*, *neologismo* e *parafasia*.

O *jargão* é descrito ora como o tipo de fala característico das lesões posteriores (WERNICKE,1874), ora como sinônimo de neologismo recorrente. Os *neologismos*<sup>2</sup> têm sido definidos como produções que são usadas como palavras sem que pertençam ao inventário daquela língua e as *parafasias* seriam substituições de palavras por outras semelhantes na forma ou significado com palavras do inventário da língua. Quando se percorre a literatura se vê, porém, que a decisão sobre qual produção é um neologismo e qual é uma parafasia não é simples e os impasses gerados são apontados por muitos autores. Alguns, como ROBSON *et. alii* (2003), preferem utilizar os termos *palavras* e *não-palavras*, tentando separar as produções a partir da relação com uma *palavra-alvo*.

Os critérios para decidir sobre a relação com um *alvo* diferem entre os autores, mas o que se observa, de maneira geral, é que buscam-se critérios quantitativos, para conseguir o recorte que possa sustentar as classificações. Veja-se que, de acordo com ROBSON *et alii*. (2003), CHRISTIMAN (1992, 1994) considera que, para que se possa dizer que uma palavra está relacionada a um *alvo*, ela deve conter 50% dos fonemas do *alvo*, enquanto BUTTERWORTH (1979, 1985) considera como parâmetro de correspondência 4 características do *alvo* (entre fonemas idênticos e posições idênticas). Mas qual a justificativa para assumir tais números? Além disso, como é possível decidir qual é esse *alvo* a partir do qual se afirma ou se nega uma relação?

Veja-se, a título de exemplo, o desconforto que gera olhar para um dado<sup>3</sup> de JM mediante tais critérios.

DADO XIII - 04/09/01 - JM conta para Imc que esteve com uma amiga, vendo revista. JM tem dificuldade em produzir o nome da amiga (Bel). Considerando-se o fato de que era importante para JM alcançar essa produção naquele momento, Imc procura ajudá-la.

Tabela 1: ['mo:dʒɪ]

Código de Busca	Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Condições de produção do enunciado verbal	Condições de produção do enunciado não-verbal
\?	1	Imc	Como é o nome dela?		
	2	Imc	['bɛw]		
	3	JM	['beli 'beli]		
<b>RECORTE</b>					

	12	Imc	[ <sup>1</sup> bɛ]		
	13	JM	[ <sup>1</sup> bɛ]		
<b>RECORTE</b>					
\?: \simult	16	Imc	Como é que faz do cabrito? [ <sup>1</sup> mɛ:]	Imc introduz uma associação, aproximando-se da vogal de Bel.	
\:\simult	17	JM	[ <sup>1</sup> mɛ:]	JM acompanha IMC.	
\tom\:	18	Imc	Issô [ <sup>1</sup> mɛ:]	Imc usa um tom mais enfático.	
\:	19	JM	[ <sup>1</sup> mɛ:]		
\:	20	Imc	[ <sup>1</sup> mɛ:w]	Imc aproxima-se mais de Bel.	
\:	<b>21</b>	<b>JM</b>	[ <sup>1</sup> mo:dʒɪ]		
<b>RECORTE</b>					
\:\simult	34	Imc	[ <sup>1</sup> mɛ <sup>1</sup> mɛ:w]		
\:\simult	35	JM	[ <sup>1</sup> mɛ <sup>1</sup> mo:dʒɪ]		

Vários aspectos poderiam ser analisados sobre o dado acima, mas consideram-se aqui apenas os mais relevantes para os objetivos desta discussão.

Na linha 20, Imc introduz mais um elemento na rima, que fica idêntica a “Bel”. A introdução deste elemento, no entanto, detona processos recorrentes na fala de JM.

Produções como as da linha 21 tem sido descritas na literatura da área como não-palavras, uma vez que não preenche nem os critérios de porcentagem nem os de números de características, para ser considerada produção relacionada ao *alvo* (este, em geral, é considerado a partir da solicitação do investigador).

No entanto, nesta análise entende-se que tais produções a linguagem em funcionamento. Após um período de acompanhamento longitudinal, com análise de uma série de dados, considera-se relevante a hipótese de que a produção de JM na linha 21 expõe relações entre *bode* [<sup>1</sup>bɔdʒɪ] e *cabrito*, e entre *mé* e *bode*, constituindo um cruzamento que aparece na forma [<sup>1</sup>mo:dʒɪ]. Pode-se considerar a presença de *mé* na produção [<sup>1</sup>mo:dʒɪ] pelo fragmento *m*. Além de aspectos enunciativo-discursivos (que dizem respeito, por exemplo, à própria idéia de cruzamento enquanto exposição de relações latentes, às condições de produção deste enunciado e à maneira como JM exerce sua condição de sujeito da/na linguagem), a ocorrência de tal cruzamento pode ter sido favorecida pela necessidade de inserção de segmento na produção de JM, numa situação em que recorre a um padrão com pé *troqueu*<sup>4</sup> e à estrutura silábica CV. Desse modo, apagamentos e inserções acompanham uma organização rítmica<sup>5</sup> da fala. Por sua vez, as construções em que várias formas se cruzam em uma formação única<sup>6</sup>, também implicam em perda de limites e apagamento de traços. Observa-se ainda que alguns desses processos da língua privilegiados em determinadas produções prejudicam mais a possibilidade interpretativa do interlocutor.

A produção de JM, na linha 3, pode ser interpretada a partir de uma influência da forma escrita, na qual temos uma representação com um “l” no final da sílaba. Dada essa correspondência, a vogal é inserida para uma regularização silábica, seguindo o padrão CV. Outra hipótese interpretativa mais recorrente nas produções de JM, mostra a tendência ao uso do *troqueu*. Neste caso, como os traços que são inseridos não são aqueles que mais freqüentemente aparecem como preenchedores em suas produções (bilabiais, oclusivas e nasais), é possível supor que alguma outra forma esteja preenchendo esse lugar. Considerando o contexto em questão, é possível que traços da produção “*dela*”, que aparece na fala de Imc, reapareçam na fala de JM. Nota-se ainda uma reduplicação que aparece também em vários outros dados de JM.

A opção por uma ou outra hipótese interpretativa, quando feita, depende de um período de acompanhamento longitudinal em que algumas hipóteses vão ganhando maior relevância, a partir de uma maior compreensão sobre o funcionamento da linguagem de JM e sobre o processo enunciativo do qual participa. As relações com outras palavras que são estabelecidas a partir de uma dada produção não decorrem da suposição de troca de uma palavra por outra, nem tampouco da tentativa de revelar uma produção intencionada, mas da tentativa de levantar *hipóteses* sobre as possíveis relações enunciativo-discursivas envolvidas nas produções, considerando aspectos fonológicos e morfológicos que participam da construção dessas produções. Dessa maneira, entende-se que as produções de JM analisadas dão a ver tendências conflitivas e, ao mesmo tempo, constitutivas, que fazem parte do funcionamento da linguagem e mostram ainda relações da fala de JM com sua própria fala e com a fala do outro. As características dos dados de JM apontam que as possibilidades explicativas dessas produções estão vinculadas ao entendimento do funcionamento de linguagem.

Esta pesquisa não propõe “alargar” as descrições e classificações que têm sido propostas, incluindo mais itens como a relação com a fala do interlocutor, nem tampouco propõe utilizar processos metafóricos e metonímicos como uma nova proposta de classificação. O que se considera neste trabalho é que o modo como se constroem essas produções revela aspectos importantes do funcionamento de linguagem. Observa-se que aspectos prosódicos, fonológicos e morfológicos participam de maneira decisiva na organização de fragmentos enunciativo-discursivos que aparecem na fala de JM. Eles são bastante relevantes tanto no desencadeamento dos processos, quanto em sua resolução. Tal observação permite reconhecer que as alterações segmentais, aparentemente caóticas, mostram uma predominância de determinados aspectos e que essa predominância vincula-se a um tipo de funcionamento.

SCARPA (2000, 2003) tem apontado em seus trabalhos, observando tanto falas de crianças, quanto de afásicos, que fragmentos discursivos podem ser organizados como unidades prosódicas de domínios superiores. A autora tem apontado aspectos prosódicos envolvidos nas parafasias.

FIGUEIRA (1996), analisando *inovações lexicais* em fala de crianças, argumenta a favor de uma inter-relação entre aspectos prosódicos e morfológicos. A autora observa que os termos são alinhados através de uma relação que os coloca lado-a-lado, expondo o fato de que “uma palavra passou pela outra”, o que também se salienta nesta análise do dado de JM.

Estas considerações, ainda preliminares, reafirmam a importância de um estudo de natureza enunciativo-discursiva para o entendimento da afasia. Nesse sentido, este trabalho tentou mostrar que os critérios que têm sido utilizados para classificar essas produções encobrem características de funcionamento da linguagem dos afásicos. Concluindo, foi possível ver, na relação entre palavras e não-palavras na afasia, manifestações dos processos de funcionamento da linguagem e não uma troca de palavras.

Notas:

- <sup>1</sup> O estudo da jargonafasia a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva vem sendo feito em Morato e Novaes-Pinto (1997,1998) e Novaes-Pinto (1999).
- <sup>2</sup> Vários autores, como Morato e Novaes-Pinto (1997, 1998) e Scarpa (2000), criticam o uso do termo neologismo na denominação de produções de sujeitos afásicos. Scarpa (2000) observa que essas produções dos afásicos não pretendem ser “criações lexicais”; “são provisórias e de ocorrência dificilmente previsível”.
- <sup>3</sup> O dado aparece recuperado aqui de maneira muito breve, para ilustrar o problema. Como os demais dados deste projeto, ele está disposto na tabela do BDN (Banco de Dados em Neurolinguística). Este dado foi gravado apenas em áudio.
- <sup>4</sup> O troqueu (moraico) é considerado como o pé básico do PB em Bisol (1992), Wetzels (1997), Massini-Cagliari (1999) e Abaurre, M.B.M, Galves, C.M.C, Mandel, A e Sândalo, M.F. (2001).
- <sup>5</sup> Ver Hayes (1985).
- <sup>6</sup> Vale notar aqui que o ponto de quebra ou junção também diz respeito, neste caso, a uma semelhança fonológica – *b* em *bode* e *m* em *me* diferem apenas com relação ao traço nasal.

## Referências bibliográficas

- ABAURRE, M. B. M. “Acento frasal e processos fonológicos segmentais”. *Letras de Hoje*, 31, n. 2, p.41-50, Porto Alegre: PUCRS, 1996.
- ABAURRE, M. B. M., GALVES, C. M. C., MANDEL, A. e SÂNDALO, M. F. "The Sotaq optimality based computer program and secondary stress in two varieties of Portuguese", *Rutgers Optimality Archive*, 463-0801, 2001.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 22, p.69-80, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BROWN, J. W. *Jargonaphasia*. New York, London: Academic Press, 1981.
- COUDRY, M.I.H. & POSSENTI, S. “Avaliar discursos patológicos”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 5, p.99-109. Campinas, IEL/UNICAMP, 1983.
- COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1986/88.
- \_\_\_\_\_. & SCARPA, E. M. “De como a avaliação de linguagem contribui para inaugurar ou sistematizar o déficit”. *Fonoaudiologia e Lingüística*. São Paulo: EDUC, 1991.
- COUDRY, M.I.H. “A linguagem em funcionamento na afasia”. *Letras de hoje*, 36, n. 3. p. 449-455. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

- DE LEMOS, C. “Sobre a aquisição de linguagem e seu dilema (pecado original)”. *ABRALIN*, 3, p. 97-136, 1982.
- \_\_\_\_\_. “Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem”. *Letras de hoje*, 30, n.4, p.9-28. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- FIGUEIRA, R.A. “A palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais da fala de duas crianças”. *Anais do IV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*, v.1, p.382-391, 1996.
- HAYES, C. *A metrical theory of stress rules*. New York: Garland, 1985.
- JAKOBSON, R. “Dois tipos de linguagem e dois tipos de afasia”. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954/1975.
- LESSER, R & MILROY, L. *Linguistics and aphasia: psycholinguistics and pragmatic aspects of intervention*. London and New York: Longman, 1993.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.
- MORATO, E.M. “Significação e Neurolingüística”. In: Damasceno, B.P.& Coudry, M.I.H.(orgs.), *Temas de Neuropsicologia e Neurolingüística*. São Paulo: SBNp, 1995.
- \_\_\_\_\_. & NOVAES-PINTO, R. “Aspectos enunciativos das jargonafasias”. *Anais do XLV Seminário do GEL*, n. XXVII, Campinas, SP, p.396-400, 1997/1998.
- NESPOR, M & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NOVAES-PINTO, R.C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de Doutorado. Inédita. UNICAMP, 1999.
- POSSENTI, S. “Notas sobre provérbios e análise do discurso”. *Anais do XLV Seminário do GEL*, n. XXVII, p.784-788, Campinas, SP, 1997/98.
- RAPP, C. *A Palavra Paralela? Uma revisão do conceito de parafasia*. Tese de Doutorado. Inédita. IEL/UNICAMP, 2003.
- ROBSON, J. *et alii*. “Phoneme frequency effects in jargon aphasia: a phonological investigation of nonword errors”. *Brain and Language*, 85, p.109-124, 2003.
- SCARPA, E.M. “O recurso a níveis prosódicos superiores na aquisição e na afasia”. *Palavra*, v. II. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2000.
- \_\_\_\_\_. Aquisição, afasia e hierarquia prosódica. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, 40, p.61 a 76, Campinas: Unicamp, 2003.
- WETZELS, L. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus* 9.2, 1997.